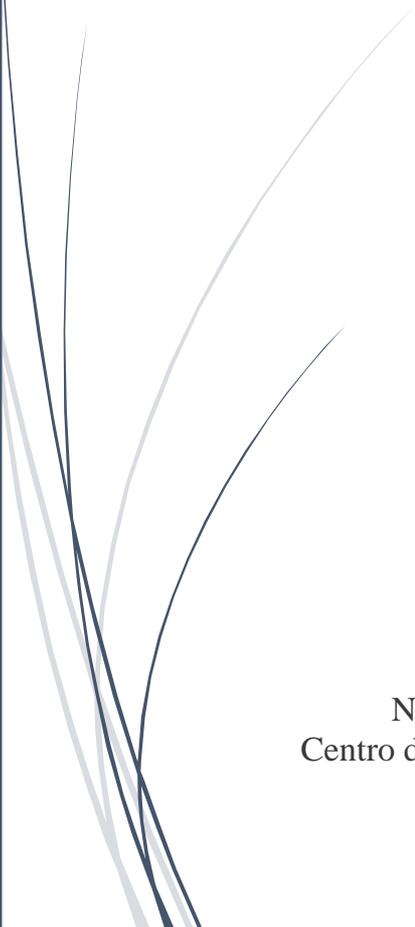




A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL

coletânea de depoimentos e outros escritos

Caetana Juracy Rezende Silva
Fernando Bomfim Mariana
Maria da Conceição da Silva Freitas
(orgs.)



Núcleo de Estudos Estratégicos (NESTRA)
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM)
Universidade de Brasília (UnB)
2023

© 2023 Caetana Juracy Rezende Silva; Fernando Bomfim Mariana; Maria da Conceição da Silva Freitas.



[Licença creative commons: colocar a figura correspondente a sua autorização]

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é de Caetana Juracy Rezende Silva, Fernando Bomfim Mariana e Maria da Conceição da Silva Freitas.

1ª edição

Elaboração e informações

Universidade de Brasília

Centro de Estudo Avançados Multidisciplinares

Núcleo de Estudos Estratégicos

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro, CEP 70910-900, Brasília-DF, Brasil

Contato: (61)3107-5802

Site: www.ceam.unb.br

E-mail: nestra@unb.br

Equipe técnica

Autores: GOMES [et. al.]

Organização: SILVA, C. J. R.; MARIANA, F.B.; FREITAS, M. C. S.

Revisão: Caetana Juracy Rezende Silva e Fernando Bomfim Mariana

Diagramação: Caetana Juracy Rezende Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

O69

A orientação educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal : coletânea de depoimentos e outros escritos / Caetana Juracy Rezende Silva, Fernando Bomfim Mariana, Maria da Conceição da Silva Freitas (orgs.). – Brasília : Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, 2023.
189 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-997169-4-2 (impresso).

ISBN 978-65-997169-5-9 (e-book).

1. Orientação educacional. 2. COVID-19, Pandemia de, 2020-. I. Silva, Caetana Juracy Rezende (org.). II. Mariana, Fernando Bomfim (org.). III. Freitas, Maria da Conceição da Silva(org.).

CDU 37.048

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19
NO DISTRITO FEDERAL
coletânea de depoimentos e outros escritos

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL

coletânea de depoimentos e outros escritos

A questão central desta obra é dar visibilidade ao trabalho da Orientação Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal. Os desafios do ensino remoto e das ressignificações do trabalho docente exigiram inúmeros contornos para o exercício da profissão do Orientador Educacional. Nesse sentido, esta publicação não é uma obra estritamente acadêmica. Reúne depoimentos e escritos diversos, nos quais as autoras e os autores estiveram livres para apresentarem suas contribuições profissionais a partir de olhares próprios dos sujeitos diante das inúmeras questões enfrentadas.

A importância desta coletânea de textos se firma nos pressupostos de aproximação das realidades dos Orientadores no âmbito da troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade, bem como pela possibilidade de complexificar as reflexões dentro das Ciências Humanas na intencionalidade de transformação da sociedade.



À memória de Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – 4

PREFÁCIO – A CAIXA DO DESCONHECIDO – 7

Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes

CAPÍTULO 1: Comentários sobre publicações acerca do trabalho do Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 – 9

Aldeane de Souza; Jane Rose Ferreira dos Santos e André Ribeiro da Silva

CAPÍTULO 2: O Orientador Educacional e a mediação de conflitos no contexto do ensino remoto: a experiência da Escola Classe 22 do Gama – 20

Ana Cláudia Costa Medeiros

CAPÍTULO 3: Trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal: Orientar desenvolvendo autonomia de estudos em tempos de distanciamento social – 33

Anita de Oliveira Ventura

CAPÍTULO 4: O Orientador Educacional como elo entre família e escola: ampliando possibilidades e caminhos para a construção de aprendizagens em tempos de pandemia de Covid-19 no ensino público do Distrito Federal – 39

Carla Micheline Campos da Silva

CAPÍTULO 5: Orientação Educacional em tempo de pandemia: desafio aceito – 47

Débora A. Felipe

CAPÍTULO 6: Sob a ótica do lado avesso na educação, no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal – 56

Edvaldo Medeiros de Souza

CAPÍTULO 7: Orientação Educacional no contexto de pandemia: mais que empatia, compaixão! – 68

Fernanda Cavalcante e Keila Andrich

CAPÍTULO 8: O trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal – 76

Hellen Andrade Lima

CAPÍTULO 9: Coordenação Intermediária da Orientação Educacional: os desafios e as aprendizagens no desenvolvimento das atribuições no trabalho mediado pelas tecnologias – 78

Ivanilde Silva

CAPÍTULO 10: A práxis pedagógica no trabalho da Pedagoga-Orientadora Educacional de escola pública do Distrito Federal no contexto de ensino remoto emergencial – 92

Jesica Barbosa Dantas

CAPÍTULO 11: Orientação Educacional em tempos de pandemia: a invisibilidade e o acolhimento ao Orientador Educacional – 102

Jéssica Morrone de Oliveira Paes

CAPÍTULO 12: A ressignificação da práxis da Orientação Educacional da Escola Classe do Setor P Norte no contexto da pandemia – 108

Lucélia de Lima Soares e Maria da Graça Gomes da Silva

CAPÍTULO 13: Orientação Educacional: diálogos e troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade de Brasília – 116

Maria Delmair Lacerda Queiroz e Fernando Bomfim Mariana

CAPÍTULO 14: Estudantes com indicativo de altas habilidades/superdotação e a relevância do trabalho pedagógico do Orientador Educacional – 123

Maria Eugênia Monteiro e Francisnilde Miranda da Silva

CAPÍTULO 15: Encontros e descobertas na Orientação Educacional pelo Brasil – 140

Marina Cantanhêde Rampazzo

CAPÍTULO 16: O Desafio interpessoal do trabalho remoto no contexto da pandemia – 143

Maristela Pereira de Sousa Severo

CAPÍTULO 17: Princípios teóricos no trabalho da Orientação Educacional – 150

Michele Miranda

CAPÍTULO 18: Encontro Articulado Pedagógico: momento estratégico de construção coletiva da práxis da Orientação Educacional durante o ensino remoto – 160

Nádia Lopes dos Santos

CAPÍTULO 19: Orientação Educacional: tecendo novas estratégias de escuta pedagógica diante dos novos contextos socioemocionais – 164

Patrícia Miranda Chaves dos Santos

CAPÍTULO 20: Busca e escuta no ensino remoto: um olhar sobre os desafios na Educação Infantil – 174

Vera Lúcia Bezerra Cândido

CAPÍTULO 21: A prática da Orientação Educacional no ensino remoto: a experiência do CEF 101 do Recanto das Emas – 181

Zenilda Martins

CAPÍTULO 14

ESTUDANTES COM INDICATIVO DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E A RELEVÂNCIA DO TRABALHO PEDAGÓGICO DO ORIENTADOR EDUCACIONAL

*Maria Eugênia Monteiro
Francisnilde Miranda da Silva*

As necessidades educacionais dos estudantes com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) se diferem dos outros por seus interesses, estilo de aprendizagem, níveis de motivação e características de personalidade. Com características e habilidades diversificadas formam um grupo heterogêneo que demanda a diversificação de aprendizagem e a valorização das potencialidades, exige também um olhar atento às possíveis fragilidades relacionadas à socialização, construção da autoimagem, afetividade e motivação.

O contexto de pandemia de Covid-19 trouxe a necessidade do distanciamento social e as aulas desenvolvidas por meio do ensino remoto emergencial. Essa organização do ensino exige dos professores de um modo geral, a utilização de abordagens e estratégias de engajamento diferentes das que estão acostumados a utilizar em sala de aula presencial. Estudar remotamente exige dos alunos autogestão e motivação, comportamentos que corroboram com a qualidade dos processos de aprendizagem envolvendo estudantes com Altas Habilidades/Superdotação. O fato de estarem sozinhos, afastados dos amigos, tendo que dar conta de uma grande quantidade de conteúdo de tarefas em casa é um fator complicador; além disso, não são todos os alunos que podem contar com o apoio dos pais para realização dessas tarefas e para o monitoramento dos estudos. Assim, o papel de articulação do Orientador Educacional é de suma importância, vislumbrando o desenvolvimento humano, apoio emocional e à aprendizagem dos estudantes com Altas Habilidades/Superdotação.

Estudantes com Altas Habilidades/Superdotação têm direito previsto de acesso às práticas escolares que atendam às suas necessidades educacionais; A Lei 9.394, de 20 de

dezembro de 2013, inclui este grupo de estudantes nos dispositivos que regulamentam o Ensino Especial. Todavia, observam-se importantes lacunas no atendimento a este público que tornam-se obstáculos para que os estudantes AH/SD possam desenvolver suas potencialidades educacionais. O presente trabalho traz como temática a inclusão e o desenvolvimento humano no contexto escolar, evidencia lacunas e ações interventivas acerca do trabalho pedagógico desenvolvidas pelo Orientador Educacional e o atendimento aos estudantes com indicativo de Altas Habilidades /Superdotação no contexto do Ensino Remoto.

Esses estudantes têm direito ao planejamento de ensino individualizado e acompanhamento pedagógico que dialogue com suas particularidades, necessitam de desafios adequados para que possam se manter engajados com os processos de aprendizagem e desenvolver seus talentos. Estudos indicam que o não atendimento a estas demandas pode provocar baixo rendimento escolar e compromete o desenvolvimento global desses sujeitos. Os orientadores assumem um importante papel nesse contexto quando desenvolvem ações inclusivas, voltadas à identificação, a elaboração do planejamento de ensino individualizado e mecanismos de articulação entre os segmentos da comunidade escolar que atendem esses estudantes.

O ensino voltado para estudantes com indicadores Altas Habilidades/Superdotação necessita de um olhar atento, ações planejadas para inclusão. O trabalho com esses estudantes no ensino remoto exige conhecimento, dinamismo e sensibilidade por parte dos profissionais que os atendem, para que possam mapear potencialidades, fragilidades e construir ações interventivas alinhadas às necessidades individuais que apresentam. Para articular ações que favoreçam o desenvolvimento e aprendizagem desses estudantes, no contexto de ensino remoto, o Orientador Educacional precisa utilizar mecanismos que possam mapear potencialidades, talentos e fragilidades dos sujeitos pedagógicos, contribuindo para o planejamento de ensino voltado ao atendimento das particularidades, o que favorece a identificação de estudantes AH/SD e a articulação com os atendimentos realizados pelas equipes especializadas de apoio à aprendizagem.

A presente pesquisa foi desenvolvida no contexto da pandemia de Covid-19, período do ensino remoto emergencial. O objetivo geral é suscitar a reflexão crítica e o debate acerca do trabalho pedagógico do Orientador Educacional e o atendimento a

estudantes com indicativo de Altas Habilidades/Superdotação. Tem como objetivos específicos: identificar ações interventivas realizadas pelo Orientador que contribuem para o atendimento às necessidades educacionais desse público, bem como evidenciar lacunas nesse atendimento no cenário que envolve o ensino remoto emergencial. É uma pesquisa qualitativa que aborda o fenômeno da Superdotação e a atuação do Orientador Educacional numa perspectiva do sujeito complexo e suas relações. Foram utilizados dois questionários sendo um direcionado aos pais ou responsáveis de estudantes com indicação de Altas habilidades/Superdotação e o outro a orientadores. As questões levantadas referem-se às lacunas e ações pedagógicas e interventivas desenvolvidas por esses profissionais que impactaram no atendimento desses estudantes no contexto do ensino remoto.

Os resultados apontam que os profissionais que trabalham com esse público carecem de uma formação especializada que os habilitem a identificar e acompanhar o desenvolvimento e a inclusão desses estudantes no processo de aprendizagem os resultados apontam também à relevância do trabalho pedagógico do Orientador Educacional que incide na possibilidade de articular com os diversos segmentos para a construção do planejamento educacional individualizado voltado ao estudante AH/SD.

Estudantes AH/SD, identificação e atendimento no Brasil

Altas Habilidades/Superdotação não deve ser entendida como uma “vantagem” na vida, mas como uma realidade diferenciada, com aspectos positivos e dificuldades que podem fazer com que esse indivíduo seja vulnerável, necessitando de apoio por parte de pais, família e comunidade. Nessa perspectiva, entende-se que os indivíduos AH/SD, “percebem a realidade de uma maneira diferente, mais intensa e multifacetada”. (MENDAGLIO, 2008, p.24).

O desenvolvimento assíncrono, característica da Superdotação, consiste no desenvolvimento mental em ritmo muito mais rápido do que outros aspectos. Nessa perspectiva, Silverman (2012), argumenta que o fenômeno implica diferenças de desenvolvimento tanto no raciocínio abstrato quanto em sua complexidade, sensibilidade e intensidade, alta consciência, risco de alienação social e vulnerabilidade.

Os estudantes identificados com Altas Habilidades/Superdotação são reconhecidamente público alvo da Educação Especial, respaldado pelos dispositivos legais que garantem atenção educacional para o pleno desenvolvimento de seus potenciais e

talentos, em uma perspectiva inclusiva. Todavia, é comum nas redes de ensino a invisibilidade dessa população escolar, o que acarreta a falta de respostas educativas no que diz respeito à oferta de uma educação de qualidade para essa população.

A definição de Altas Habilidades/Superdotação utilizada no Brasil, proposta pela Política Nacional de Educação Especial, perspectiva da Educação Inclusiva é a seguinte: Alunos com Altas Habilidades/Superdotação demonstram potencial elevado em qualquer uma das seguintes áreas, isoladas ou combinadas: intelectual, acadêmica, liderança, psicomotricidade e artes. Também apresentam elevada criatividade, grande envolvimento na aprendizagem e realização de tarefas em áreas de seu interesse. (BRASIL, 2008, p. 15).

Conforme descrito na Orientação Pedagógica do Ensino Especial do Distrito Federal: “é importante destacar que nem todos os estudantes com Altas Habilidades/Superdotados ou talentosos apresentam as mesmas características e habilidades, e nem todos expressam plenamente o mesmo nível de desenvolvimento do seu potencial. Cada um tem um perfil próprio e uma trajetória particular de realização.” (DISTRITO FEDERAL, 2010, p. 32)

Vale ressaltar que há formas e maneiras muito diferenciadas de crianças com essas características se manifestarem, porém a maioria delas “não se adapta à rotina e tem modos originais de abordar e resolver os problemas, podendo apresentar baixo desempenho e falta de motivação.” (REZZULLI, 1998)

Nesse sentido, os profissionais da educação precisam estar atentos à falta de motivação e/ou engajamento dos estudantes com as atividades escolares, bem como o baixo rendimento acadêmico, pois estes podem “mascarar” a Superdotação. O comportamento do estudante com esses indicativos, aparentemente, não se “encaixa” no Modelo dos Três Anéis, que apresenta: habilidade acima da média, criatividade e motivação, como indicativos do comportamento superdotado, proposto por Renzulli (1978, 1998,2005) esse modelo fundamenta as políticas públicas para identificação e atendimento dos estudantes AH/SD no Brasil.

Renzulli (2004) apresenta dois tipos de AH/SD: a escolar ou acadêmica e a produtivo- criativa. A acadêmica pode ser caracterizada pelos sujeitos que apresenta bom rendimento escolar, notas altas, aprendem rapidamente, se destacam nas áreas mais valorizadas na escola (português e matemática), apresentam nível de compreensão elevado; o produtivo-criativo, envolve aspectos da atividade humana nas quais se incentivam o

desenvolvimento de ideias, produtos, expressões artísticas e “áreas do conhecimento que são propositalmente concebidas para ter um impacto sobre uma ou mais plateias-alvo” (RENZULLI, 2004, p. 83).

Cabe ressaltar que a AH/SD produtivo-criativa está mais sujeita a ser camuflada no ambiente escolar devido a não valorização que esta sofre nesse contexto; os indivíduos que apresentam estas características passam despercebidos e a ausência de uma oportunidade de atendimento adequado a estes sujeitos, pode influenciar negativamente no seu desenvolvimento global.

Como apontam Hallahan e Kauffman (2015), ao contrário dos casos de deficiência, no senso comum as pessoas imaginam que quem apresenta talentos especiais desenvolve seus potenciais deliberadamente, o que não corresponde à realidade. Esses sujeitos vivenciam os riscos da rejeição e de serem estigmatizados, quando não são identificadas e/ou compreendidas suas características; podendo também resultar desde a dificuldade de aprendizagem em determinados campos do conhecimento, até o desajuste social.

Para este público são indicadas práticas de ensino e atividades curriculares que contemplem o ritmo de aprendizagem e seus interesses no ambiente natural de sala de aula, (BRASIL, 2001) e também o atendimento complementar para aprofundar e enriquecer seu(s) talento(s), suas formas de aprendizagem específicas e oferecer oportunidades para que explorem áreas de interesse e aprofundem conhecimentos já adquiridos como: habilidades relacionadas à criatividade, resolução de problemas, raciocínio lógico e outras áreas do conhecimento (BRASIL, 2001).

Ao avaliar e propor ações educacionais que ampliam a participação e o desenvolvimento humano desse grupo é fundamental desconstruir percepções equivocadas como a de que o estudante com Alta Habilidade/Superdotação já tem muito e que não precisa de mais nada, que já é inteligente o suficiente e não precisa de intervenção pedagógica, de modo a questionar os mitos que rondam esse tema e promover uma educação de qualidade que atenda às suas necessidades educacionais, baseada em pesquisas e evidências. Evidencia-se defasagens sobre a temática da superdotação na formação de professores; a predominância do modelo teórico dos Três Anéis de Renzulli em pesquisas e trabalhos brasileiros publicados sobre a temática. Pessoas que apresentam AH/SD numa sociedade como a nossa, que desconhece suas necessidades especiais, ainda são submetidas a uma série de concepções distorcidas, pré-concebidas e equivocadas. Para que este grupo possa

desenvolver e/ou aprimorar seus talentos e habilidades, faz-se necessário a construção de um ambiente escolar cuja proposta de ensino esteja atenta à identificação e atendimento das suas particularidades cognitivas, afetivas e sociais.

Observa-se uma maior quantidade de professores especialistas em Educação Especial com habilitação nas diferentes áreas de deficiência, enquanto o número de profissionais com o mesmo nível de formação na área de AH/SD ainda é extremamente pequeno, como evidenciam Perez e Freitas (2014).

Ecologia do desenvolvimento humano

A Ecologia do desenvolvimento humano traz uma nova concepção de pessoa em desenvolvimento, do ambiente, e da interação entre ambos. Ela produz uma orientação ecológica que defende o comportamento, o desenvolvimento, e o ambiente conforme ele é percebido. Um dos pressupostos da Ecologia do Desenvolvimento é que o desenvolvimento humano é o produto da interação entre organismo humano e o ambiente. (BRONFENBRENNER, 2002).

Neste sentido, o comportamento evolui em função da interação entre as pessoas e o ambiente. Para demonstrar que o desenvolvimento humano ocorreu é necessário investigar o papel e as relações interpessoais (microsistemas) assim como, os macrosistemas, definido como um complexo de sistemas integrados em forma de sociedades, grupos com manifestações de padrões globais de ideologias, organização das instituições sociais comuns a uma determinada cultura.

Portanto, ao analisarmos ambientes de aprendizagem como o ensino remoto, que caracterizam diferentes grupos sociais, religiosos, étnicos, é possível descrever e distinguir as propriedades ecológicas desses contextos sociais mais amplos, como ambientes para o desenvolvimento humano, nesse contexto encontram-se os estudantes AH/SD.

A escola é concebida como um ambiente de aprendizagem, onde a capacidade de aprender de uma criança, pode depender de como ela é ensinada, quanto da existência da natureza e de laços entre escola e família. O ativo envolvimento, ou mera exposição ao que os outros estão fazendo, inspira a criança a realizar atividades semelhantes sozinha. A aprendizagem acontece quando há transformação de comportamento, ou seja, quando há uma mudança nas concepções e /ou atividades da criança transferida para outros ambientes

e momentos.

Deste modo, faz-se necessário ressaltar a importância do profissional que trabalha com o desenvolvimento humano, como os orientadores educacionais, conhecer as necessidades do estudante, acolher, ter sensibilidade, estimular o prazer de compreender, descobrir, construir o conhecimento, acreditar no seu potencial, desenvolver sua criatividade, pois educador é o sujeito responsável por coordenar, na relação com o outro, os processos de ensino e aprendizagem.

Como propõe BrofenBrenner (2002) e Carvalho (2004) o desenvolvimento humano acontece a partir da interação com o ambiente o espaço escola, no momento em que o estudante, repensa seus valores, constrói uma consciência global, dando sentido às suas experiências, mantendo uma relação de troca mútua com o seu meio. As mudanças passam a acontecer na medida que o homem se mostra amadurecido e atua no sentido da sustentabilidade, em integralidade e não somente com individualismo e pretenciosismo de Ser superior.

A perspectiva do sujeito complexo

A perspectiva do sujeito complexo propõe o desafio de sabermos um pouco mais sobre nós mesmos, como sabemos, o que sabemos, e os propósitos desse saber. A complexidade, como pensamento que pensa o próprio pensar MORIN (2001), na linha do pensar sistêmico, da construção de um Projeto Educativo societário, como sustenta (Morin, 2005). Morin (2005) defende que é necessário seguir um método – uma caminhada, a fim de que possamos nos alimentar das culturas ao derredor, e que permanentemente (re)construamos a nossa própria. A teoria da complexidade discorre, sobre o (re)pensar do ser e do saber de forma autocrítica, considerando, os vários níveis de realidade em que estamos inseridos, na direção do inacabável devir humano. Morin (1997) também afirma a importância de reconhecer o papel do sujeito na construção do conhecimento complexo.

Neste sentido, este estudo tem como ponto de partida o estudante AH/SD conectado a sua realidade, a um pensamento multidimensional que supera o modo dicotômico de pensar parte versus todo, razão versus emoção, sujeito versus objeto, estimulando o modo de pensar articulado incluindo todas as dimensões: afetivas, cognitivas, emocionais, sociais, culturais. Dessa forma, as partes podem ser compreendidas a partir de suas inter-relações, com vista ao desenvolvimento global do sujeito.

Assim, alinhados ao pensamento de Morin, temos a ecologia humana compreendida como um campo referencial em que todas as ciências trazem contribuições, que resultam na compreensão de como podemos ser conhecedores de nós mesmos e do mundo.

A ecologia humana como um campo multidisciplinar, aberto nos ajuda a exercitar nossa compreensão-ação do homem no mundo numa perspectiva de construir um processo educativo que possibilite ao sujeito individual ou coletivo refazer o seu fazer, a partir da ampliação do seu próprio ponto de vista de uma forma mais complexa, criativa, integral e dialógica (PATO, 2004). Destarte, o trabalho do Orientador educacional fundamentado nos princípios que defende a ecologia humana, reconhece a pluralidade e as dimensões envolvidas na formação dos sujeitos, sendo relevante ao planejamento dos processos educacionais voltados para identificação de dos estudantes AH/SD.

Atuação do Orientador Educacional

A concepção de Ecologia Humana CARVALHO (2004), dialoga com a educação e com o trabalho do Orientador Educacional no sentido de contribuir para a formação de futuras gerações, sendo o papel desse profissional de suma importância para atuar no planejamento de um ambiente mais adequado aos estudantes AH/S, onde possa cultivar atitudes ecológicas, concebida como um sistema de valores sobre como relacionar-se com o ambiente virtual de aprendizagem.

Diante do cenário atual em que se encontra o ensino remoto emergencial, faz-se necessário que o ambiente educacional esteja voltado à utilização de estratégias com estudantes AH/SD que favoreçam o desenvolvimento das seguintes competências gerais previstas na BNCC: Autogestão, Autonomia, Repertório cultural, Comunicação, Cultura digital, Empatia e Cooperação. Na medida em que os alunos fazem uso de aplicativos para smartphones e computador com objetivo de produzir e compartilhar conteúdos relevantes; quando os alunos AH/SD têm oportunidade de conviver em grupos reais ou virtuais estabelecendo regras de boas convivências e cumprindo essas regras, aprendem muito sobre o respeito ao outro e a si próprio, sobretudo quando o Orientador atua como mediador dos conflitos conforme Orientação Pedagógica (2019).

O Orientador Educacional em sua atuação com o estudante AH/SD, poderá ir além dos conteúdos disciplinares, considerando a complexidade do sujeito, tendo com princípio a dignidade humana e o reconhecimento e a valorização das diferenças e diversidades,

construindo mediações voltadas para a gestão ambiental no espaço escolar, dentro de uma meta educativa, entendida como ações que visam a vivência e a reflexão coletiva e crítico-criativa, necessária à descoberta dos valores que possam fundamentar o viver humano e as relações, como fundamenta a abordagem transdisciplinar defendida por SANTOS (2005).

Metodologia

Este trabalho tem como abordagem metodológica a pesquisa de campo qualitativa. Utilizamos os dispositivos legais que regulamentam o atendimento educacional aos estudantes AH/SD, como objeto de estudo, bem como referências bibliográficas que fundamentam a temática.

Tem como critério de participação pais de estudantes com Altas Habilidades/Superdotação, matriculados em qualquer modalidade do Ensino Regular no ano de 2021 e Orientadores Educacionais que atuaram no mesmo ano em qualquer modalidade de ensino, ambos em território nacional.

O levantamento dos dados foi feito por meio de questionários específicos, sendo um destinado a grupos de pais de estudantes AH/SD e outro a Orientadores Educacionais. Visando abranger o maior número possível de participantes, o instrumento foi disponibilizado em redes sociais (Instagram, Telegram, WhatsApp), no período de quinze dias, sem número limite de colaboradores. Sendo disponibilizados em espaço virtual, preconizamos a participação de colaboradores de todos os estados do Brasil.

As questões apresentadas no instrumento buscavam identificar lacunas e ações interventivas evidenciadas entre o trabalho pedagógico do Orientador Educacional e o atendimento aos estudantes com indicativos de Altas Habilidades/Superdotação no contexto da pandemia de Covid-19, durante o ensino remoto emergencial.

O questionário destinado aos pais buscou identificar dificuldades educacionais apresentadas pelos estudantes AH/SD durante as aulas desenvolvidas por meio do ensino remoto emergencial e as intervenções pedagógicas realizadas por Orientadores Educacionais que incidiram no processo de ensino aprendizagem desses estudantes. Enquanto o questionário destinado aos Orientadores pretendeu: Identificar ações realizadas por Orientadores Educacionais, voltadas ao atendimento de estudantes AH/SD, durante o período do ensino remoto e as concepções desses profissionais acerca da temática:

atendimento educacional para estudantes AH/SD.

Análise de dados

Os formulários respondidos por pais de estudantes AH/SD, de alguns estados do Brasil (Santa Catarina, Bahia, Distrito Federal, Paraná, São Paulo, Rio Grande do Sul Maranhão) onde 66,7% estavam matriculados em escolas particulares no ano de 2021, conforme figuras 1 e 2.

Figura 1

1. Seu filho estuda em escola:
27 respostas

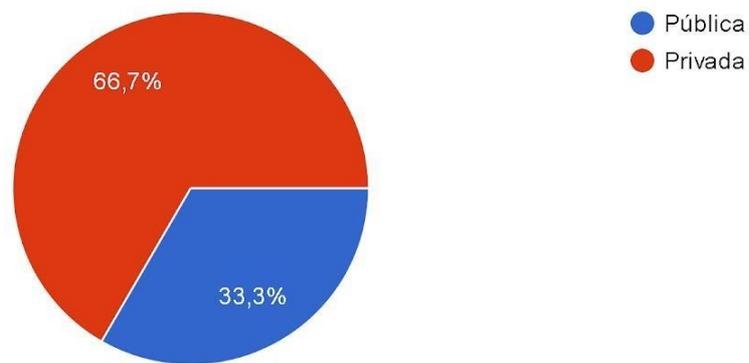
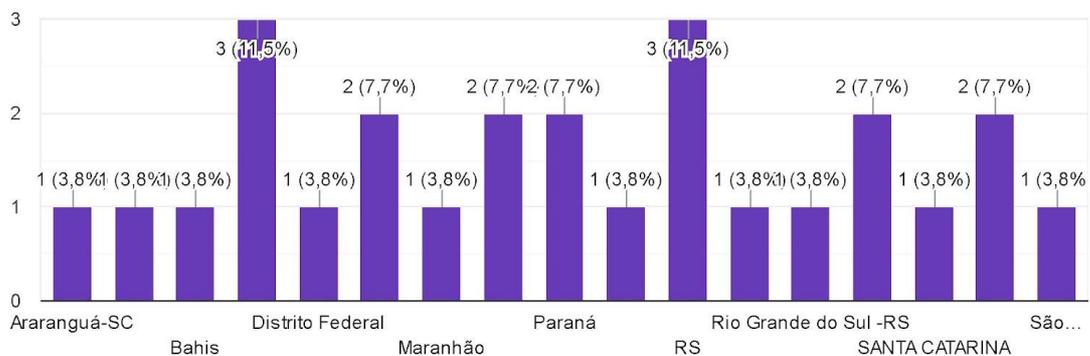


Figura 2

2. Em qual Estado do Brasil está localizada a escola em que o seu filho está matriculado? (ano de 2021)

26 respostas



Segundo os pais, as principais dificuldades apresentadas pelos estudantes no contexto do ensino regular, durante o período de aulas remotas foram:

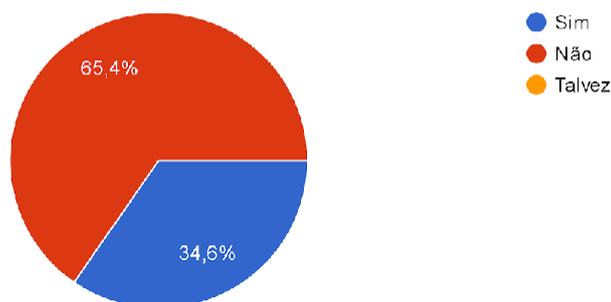
- Falta de: engajamento, motivação, atenção, concentração nas aulas, interação com colegas e professores que reverberam em agitação e desinteresse. O tempo longo no uso de tecnologias, dificuldades com uso das ferramentas tecnológicas para acessar as aulas; A falta de criatividade nas aulas expositivas, monótonas e exercícios repetitivos, o tédio e a ansiedade também foram mencionados. Alguns pais relatam que os filhos não gostam de abrir a câmera durante as aulas.
- Relatam ainda que a escola não busca meios para trabalhar uma rotina educacional, demandando do aluno uma autonomia de estudos que ele não tem. O método de ensino também tem sido um entrave já que a escola não busca utilizar a tecnologia a seu favor para gerar interesse do aluno. Os conteúdos muito fáceis e desestimulantes; o fato de ter que ficar muito tempo ouvindo as aulas expositivas foram aspectos pontuados pelos pais, bem como o acúmulo de horas diante do computador e consequentemente das atividades assíncronas.
- O desinteresse em assistir às aulas por não serem desafiadoras e a recusa em realizar atividades pela justificativa de não fazer sentido para os estudantes; o comportamento disperso e o desinteresse pelas aulas bem como a avaliação das aulas como “chatas, monótonas e repetitivas” e conteúdos desvinculados de significações e objetivos para os estudantes.
- Dessa forma, ressalta-se a importância em criar um cronograma que inclua a revisão dos conteúdos, leitura e realização de exercícios desafiadores, constituindo-se em atividades simples que trazem resultados no desempenho. No que concerne aos professores compete elaborar mudanças metodológicas de ensino com avaliações frequentes das estratégias utilizadas, e acompanhamento da sala de recursos em parceria com a Orientação Educacional, além disto, realizar aulas criativas, com atividades desafiadoras e menos repetitivas, incorporando os conteúdos às práticas sociais dos estudantes.
- No tocante aos orientadores educacionais cabe contribuir na elaboração do Plano Individual do estudante juntamente com outros profissionais, como professores da sala de recursos, coordenadores, psicólogos. Uma outra ação relevante é a elaboração de projetos voltados para a área de interesse do estudante baseado na resolução de

problemas. (ABP -Aprendizagem baseada em problemas) proposta por Ribeiro (2010).Esses projetos podem estimular o estudante a participar de feiras, congressos, fóruns, enfim, espaços que possam dar visibilidade às suas criações.

Figura 3

5. O estudante recebeu algum atendimento interventivo do Orientador Educacional, no contexto do Ensino Regular durante o período de aulas remotas?

26 respostas



Os pais citaram ações interventivas que consideram mais adequadas ao atendimento das necessidades educacionais do seu filho são elas:

- Elaboração do plano de atendimento individual, contato frequente quanto a avaliação/ alterações nas estratégias, acompanhamento da Orientação Educacional e equipe pedagógica.
- As reuniões on-line para tirar dúvidas.
- Projetos na área de interesse dos estudantes, baseados em resolução de problemas desafiadores.
- Construção de espaço para socialização, trabalhos em grupo, diagnóstico de dificuldades e potencialidades;
- Aceleração de série apenas por disciplina.
- A adição de atividades mais desafiadoras foi a única intervenção feita, a mãe relata que seu filho foi atendido durante 1 mês pela professora da sala de recursos e foi dispensado com a justificativa de que ele tem facilidades em aprender e outros necessitam mais do atendimento, já que apresentam dificuldade de aprendizagem.

- Reuniões com todos os professores para o caso específico do estudante e abertura para o uso da sala de recursos a fim de sanar suas necessidades emergenciais.
- Um dos pais relata que a coordenadora pedagógica, juntamente com a professora responsável pelos alunos com necessidades especiais, fez um atendimento individual, uma vez por semana, durante 20 minutos de forma on-line com o estudante. E com os pais, fizeram uma reunião virtual e algumas orientações via WhatsApp, segundo eles, apesar do pouco tempo e sendo apenas uma vez por semana, o atendimento foi importante, pois o filho se sentiu acolhido e compreendido pela escola.
- Adaptação de atividades e adaptação de avaliação foram intervenções citadas.
- Uma mãe sugere que o ideal para atendimento dos estudantes AH/SD seria reduzir o tempo de aula na sala regular e proporcionalmente, aumentar a quantidade de horas no atendimento especial em grupos de estudantes com altas habilidades, visto que, nas palavras da mãe, a pandemia revelou que o ensino tradicional em sala de aula, no ritmo dos colegas, é uma tortura psicológica para o seu filho.

Em relação a participação da família no desenvolvimento do processo educacional do estudante AH/SD, aconselha-se a estabelecer um espaço de trocas e compartilhamento de experiências e dúvidas por meio de ambientes virtuais, coordenados por profissionais da escola, incluindo o Orientador Educacional, já que, conforme relatam os pais neste estudo, foram experiências que trouxeram bons resultados.

Outra ação interventiva do Orientador Educacional é fortalecer a parceria entre a escola e a família por meio de reuniões, orientações individuais momentos de escuta e acolhimento, participação em estudos de casos para maior adequação às necessidades do estudante. Por fim, propor oficinas com a turma para desenvolver a interação entre o estudante AH/Superdotação com colegas, professores, reforçando o sentimento de pertencimento e acolhida por parte da turma, implementando a inclusão no âmbito escolar.

No que diz respeito aos questionários destinados aos Orientadores Educacionais obtivemos os seguintes dados.

Os resultados apontam que os Orientadores Educacionais reconhecem a importância no atendimento a estudantes com indicativos de Altas Habilidades/Superdotação, porém a temática é desconhecida para a maioria dos participantes. Segundo os orientadores

educacionais não existe uma concepção a respeito do atendimento a alunos com AH/Superdotação, quando perguntados a respeito da compreensão em relação ao trabalho com esses alunos as respostas foram as seguintes:

- Um ambiente de aprendizagem fundamental para que eles possam construir relações saudáveis, desenvolver consciência social, realizar atividades criativas, expor suas ideias entre outros.
- Importante, mas muito desconhecido para mim”
- Sim. Um trabalho de grande importância com vista à garantia das aprendizagens educacionais.”
- Desenvolvimento de habilidades.
- Desconheço o assunto. Não compreendo a importância para o desenvolvimento e o aprimoramento das altas habilidades.

O desconhecimento evidenciado a respeito da temática reforça o pequeno número de Orientadores participantes e o interesse em responder o formulário da pesquisa. Neste sentido, na concepção dos participantes o papel da Orientação Educacional no atendimento a AH/SD é dar suporte emocional aos estudantes e família, por meio de atendimentos individuais e coletivos, além de fazer encaminhamentos às Equipes de Avaliação e Apoio a Aprendizagem e a instituições parceiras, conforme respostas abaixo:

- Contribuir na consciência coletiva quanto a relações que os sujeitos estabelecem com outros.
- Fazer esse elo entre família x professor x aluno.
- Desconheço.
- De conscientização e de fortalecimento nas questões ambientais visando o estudante como um ser integral.
- O papel é o de cuidar desse estudante e buscar reflexões para a compreensão do meio ambiente em que vive! Trabalhando sua autoestima, suas habilidades, competências e seu protagonismo juvenil!
- Encaminhar para Equipes de Avaliação e Apoio à Aprendizagem, e instituições parceiras.

Partindo da premissa que o trabalho do Orientador Educacional contribui para a formação integral dos estudantes, as estratégias apresentadas na perspectiva de potencializar a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos AH/Superdotação foram:

- Ações que contribuam para a autodescoberta e plena participação desses estudantes sempre com base no diálogo, no respeito e nas relações democráticas e sustentáveis.
- Rodas de conversas, pesquisas, questionamentos, reflexões sobre o tema.
- Realizar rodas de conversa pelo Meet com os estudantes trazendo reflexões e temáticas importantes.

Os resultados demonstram as dificuldades encontradas em construir ferramentas que estejam alinhadas às necessidades do estudante AH/SD.

Nesse contexto, faz-se necessário oferecer formação, compartilhar experiências que possam definir eixos norteadores ao atendimento de crianças com AH/Superdotação, e sinaliza que os Currículos Acadêmicos de Pedagogia necessitam ser revisados, já que não possuem áreas de conhecimento voltadas para o atendimento a crianças AH/SD ficando a cargo do profissional buscar a complementação da sua formação.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que existem lacunas evidenciadas entre o trabalho pedagógico do Orientador Educacional e o atendimento aos estudantes com indicativos de Altas Habilidades/Superdotação no contexto da pandemia de Covid-19, durante o ensino remoto emergencial.

Considerações finais

Considerando que a escola é um espaço de participação, desenvolvimento de habilidades e potenciais e que nesta esfera encontram-se alunos com AH/SD, ao refletir sobre a inclusão desses sujeitos e o ambiente educacional é preciso evidenciar ações pedagógicas que contemplem suas especificidades, interesses e necessidades com o objetivo de ofertar oportunidades ao enriquecimento e desenvolvimento humano.

É fundamental investir em alternativas que favoreçam o desenvolvimento de pessoas com Altas Habilidades/Superdotação, promovendo a participação e inclusão desses grupos, num ambiente escolar que estimule seus talentos, diminua sua vulnerabilidade emocional, dando-lhes condições para que possam trilhar seus caminhos de desenvolvimento em ritmo próprio, dentro do processo educativo.

Conclui-se que existem possibilidades de intervenções a serem realizadas pelo Orientador Educacional direcionados aos alunos AH/SD, recomenda-se que seja feito mapeamento das potencialidades e dificuldades apresentadas pelo estudante, estabelecendo um diálogo entre a escola e a família. propõe-se também que o Orientador articule o processo de acompanhamento do aluno por meio de uma equipe multidisciplinar (pedagogos, psicólogos,) que possa contribuir com a definição de um Plano de Atendimento individualizado para atender as demandas educacionais do estudante AH/SD, visto que o plano de atendimento individual é um importante instrumento pedagógico pois contempla atividades mais direcionadas aos interesses, estilo e ritmo de aprendizagem desses estudantes, como preconiza os dispositivos legais que regulamentam o Ensino Especial.

Nesse sentido, cabe à educação reorganizar o processo de conhecimento, a partir de novas premissas, utilizando-se de todas as dimensões de que o ser humano dispõe, sejam elas racionais, emocionais, intuitivas e corporais, tendo como perspectiva que os grupos de indivíduos caminhem para uma construção própria que os ajude a compreender melhor a reconhecer sua identidade, a descobrir seus caminhos, ou mesmo reconstruir padrões que permitam rearticular seus valores, sua qualidade de vida e sua participação social. A escola deve adotar uma concepção de educação aberta, formativa, na qual a relação ensino-aprendizagem envolva processos cognitivos e socioculturais de atribuição de significados.

Referências bibliográficas

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução 2, de 11 de setembro de 2001, institui as **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: CNE/CEB, 2001a.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Texto consolidado até Emenda Constitucional 83, de 05 de agosto de 2014. Brasília: Senado Federal, 2014.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei 9.394, de 20 de setembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 5a ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmeras, 2010.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial (MEC/SEESP). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BROFENBRENNER, Urie. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano**: experimentos naturais e planejados. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito

ecológico 6 ed. São Paulo, Cortez, 2012.

HALLAHAN, D. P; KAUFFMAN, J. M. **Exceptional Students: An Introduction to Special Education**, Edition 13, revised Ed. Education Pearson, 2015.

MENDAGLIO, S. (2008). **Dabrowski's theory of positive disintegration: A personality theory for the 21st century**. In S. Mendaglio (Ed.), *Dabrowski's theory of positive disintegration* (pp. 13-40). Scottsdale, AZ: GreatPotential Press.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **O método 6: ética**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PATO, C. **Comportamento Ecológico: relações com valores pessoais e crenças ambientais**. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

PEREZ, S.G; FREITAS, S. N (2014). Políticas públicas para as Altas Habilidades/ Superdotação: incluir ainda é preciso. **Revista Educação Especial** | v. 27 | n. 50 | p. 627-640.

RENZULLI, J. O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. **Educação**. Tradução de Susana Graciela Pérez Barrera Pérez. Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 1, p. 75 - 121, jan./abr. 2004

RENZULLI, J. S. **The multiple menu model for developing differentiated curriculum for the gifted and talented**. *Gifted Child Quarterly*, v. 32, 1988a, p. 298-309.

RENZULLI, J. S. **The Three-Ring conception of giftedness**. A developmental model for promoting creative productivity. In: R. J. STERNBERG & J. E. DAVIDSON (Eds.), *Conceptions of giftedness* (2nd ed., pp.246-279). New York: Cambridge University Press. 2005

RENZULLI, J. S. **What makes giftedness?** Reexamining a definition. *Phi Delta Kappan*, 60 (3), 180-184, 1978.

RIBEIRO, L.R.C **Aprendizagem baseada em problemas (PBL)**. Uma expectativa no ensino superior, Ed. UFscar, São Carlos,2010, 141p.

SANTOS, Akiko (Orgs.). **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. Campinas: 2005.

SILVERMAN, Linda. Kreger; TEBBS, Trevor. J. (2012): Giftedness 101, **Gifted and Talented International**, Taisir Subhi Yamin (Editor), Heinz Neber (Editor), Sandra K. Linke 27:2, 75-80, DOI: 10.1080/15332276.2012.11678396